

O RENASCER VIANENSE

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA VIANENSE DE LETRAS

ANO VIII Nº 32 VIANA-MA, MAIO DE 2011

VIANA

253

ANOS

DE

MEMÓRIA



Editorial

PROGRESSO DESORGANIZADO

Há poucos meses, inaugurou-se mais uma agência bancária em Viana e já se fala na abertura de um grande supermercado. O comércio da cidade nova continua crescendo, a valorização de imóveis da zona comercial é cada vez mais evidente e, naturalmente, a cidade vai afirmando-se como um centro de comércio da Baixada Maranhense, abastecendo vários municípios limítrofes.

Não há dúvida de que houve e continua havendo acentuado progresso na vida social e econômica do município de Viana. Vários fatores têm contribuído para esse estado de desenvolvimento.

Nesse momento de euforia, não podemos deixar de lamentar a desordem do nosso crescimento. A cidade vai se expandindo sem qualquer planejamento, sem a mínima infraestrutura social e urbana condizente com a nova situação. É como uma bolha que vai crescendo para o espaço que lhe for permitido.

Por muitas vezes, bradamos neste espaço a carência de planejamento e organização da administração municipal. Não há plano diretor, planejamento urbano nem controle da expansão imobiliária. Até quando insistiremos nessa tecla sem sermos ouvidos?

Instalou-se uma agência bancária de suma importância para a região, numa avenida escura, cheia de buracos e sem urbanização adequada. Outros prédios públicos já se ergueram ali e o futuro Fórum da comarca também será localizado naquele espaço.

A administração municipal mantém-se inerte sem tentar evitar o esvaziamento da parte antiga da cidade. Hoje temos uma cidade bipolar, em que uma parte se mostra agitada pelo movimento comercial e a outra, a parte histórica, restou submergida no abandono e condenada a viver com os fantasmas do passado em suas casas vazias e desvalorizadas. Se houvesse uma política definida de urbanização esse problema seria evitado.

Este jornal, como órgão de divulgação da Academia de Letras, deveria tratar, a princípio, apenas de assuntos culturais. Mas não é esse o papel do intelectual orgânico da atualidade. Hoje as lideranças intelectuais devem constituir-se em vozes em defesa da sociedade civil. A indiferença das lideranças sociais e políticas impõe-nos a tarefa de tentar despertar a população vianense para seus problemas. Talvez assim consigamos renascer o espírito crítico e participativo que sempre caracterizou o cidadão vianense.

SOBRADÃO DA PRAÇA DA MATRIZ

FOTOS: ALISSON SANTOS



Foto 1: Fachada deteriorada do sobrado (no detalhe, parte do telhado que desabou); Foto 2: Vista interna da varanda do prédio, após o desabamento; Foto 3: Sem parte do telhado, paredes de adobe estão expostas às intempéries

Não por casualidade, o Renascer Vianense escolheu o sobrado branco da esquina da Praça da Matriz para iniciar uma seção que, em cada número do jornal, procuraria realçar a importância dos últimos prédios que compõem o já escasso conjunto arquitetônico colonial da cidade.

Dessa maneira, a 1ª edição do Renascer (julho de 2002) estampou, em sua primeira página, a foto e o histórico deste antigo sobrado de grande significado para memória cultural vianense. Quase uma década atrás, entre os quatro sobrados ainda existentes em Viana (considerando-se que dois deles já se encontravam em ruínas), era este que se

apresentava em melhor estado de conservação.

Passaram-se nove anos e hoje, infelizmente, a realidade é bem outra. Mal começou o período chuvoso de 2011 e parte do telhado do velho sobrado veio abaixo, expondo-o provavelmente ao mesmo destino trágico dos demais, caso nenhuma medida seja tomada. Cai o telhado, depois as paredes e em pouco tempo o mato toma conta do local. E assim era uma vez mais um sobrado bonito que fez parte do passado próspero da cidade.

Atualmente propriedade dos herdeiros do falecido Daniel Gomes, o imóvel pertenceu ao ex-prefeito João Balby antes de ser adquirido pelo maestro Miguel Dias, no início do século XX.

Foi aqui que funcionou a primeira escola de música da cidade. Na sala dos altos do sobrado, centenas de jovens vianenses aprenderam a tocar algum tipo de instrumento com o mestre Miguel Dias, a exemplo de Zé Piteira, Onofre Fernandes, Júlio Neves, Pedrinho Neves, a célebre Dilú Mello, e tantos outros.

O andar térreo do sobrado, por sua vez, abrigou a tipografia e redação do jornal "A Imprensa", um dos marcos mais importantes da história do jornalismo vianense

É profundamente triste e lamentável constatar que monumentos que testemunham o passado glorioso de Viana estejam condenados ao total desaparecimento.

Botêlho em Viana do Castelo

O artista plástico Raimundo Botêlho fará uma exposição em Viana do Castelo (Portugal) provavelmente em agosto, durante os festejos de Nossa Senhora da Agonia, principal festa religiosa dos vianenses do outro lado do Atlântico.

A ideia da exposição surgiu durante a inauguração da Casa da Cultura de Viana, em novembro do ano passado, quando o funcionário da Prefeitura de Viana do Castelo, Sr. Arnaldo Ribeiro, acenou com tal possibilidade ao tomar conhecimento do trabalho de Botêlho, através da matéria publicada pelo site "Vianensidades".

A mostra do pintor Botêlho em terras portuguesas insere-se no Acordo de Geminção celebrado entre a Prefeitura de Viana do Castelo e a Prefeitura de Viana (Maranhão), visando o intercâmbio cultural, escolar e esportivo entre ambos os municípios.



Uma caravana de conterrâneos de Botêlho prepara-se também para, aproveitando o ensejo da exposição, conhecer e visitar essa nossa co-irmã homônima, além de outras cidades portuguesas como Coimbra, Porto, Fátima e, logicamente, a capital, Lisboa.

POSSE DE DOIS NOVOS ACADÊMICOS

As célebres professoras Edith Nair Silva e Zeíla Cunha Lauleta serão as homenageadas da noite

O engenheiro agrônomo, ex-presidente da Fundação Conceição do Maracu, pesquisador e colaborador do Renascer Vianense, José Raimundo Santos, irá ocupar a Cadeira de nº2 (antes pertencente a padre Eider Silva); enquanto a professora aposen-

tada Maria do Socorro Sousa Cutrim, que traz em seu currículo uma extensa folha de serviços prestados à educação vianense, ocupará a Cadeira de nº 30.

A posse dos novos acadêmicos será realizada na noite do próximo dia 21 (sábado), às 20

horas, na Catedral da Diocese de Viana, durante reunião solene da AVL, quando as professoras Edith Nair Silva (patrona da Cadeira nº 2) e Zeíla Cunha Lauleta (patrona da Cadeira nº 30) serão reverenciadas pelos titulares de suas respectivas cadeiras.

Carta recebida

Natal (RN), 19/02/11

Caro Luiz Alexandre

Com sempre estás de parabéns pelos teus méritos e por tudo que tens feito em prol da cultura vianense.

Pena que hoje o jovem vianense está mais para o funk, punk, axé, reboletos, etctrations... do que para ler, estudar, preservar sua história e monumentos, lutar pelo futuro da cidade, escolher bem seus representantes, lutar contra o plantio de arroz no lago etc. Mas, mesmo assim, vamos caminhando e tentando mudar tudo através da educação e de iniciativas como a sua.

Ontem recebi o Renascer Vianense, no qual consta a nota sobre o falecimento do querido tio Kalil Mohana e a bela crônica a seu respeito de autoria do Carlos Gaspar.

Tio Kalil já havia feito ponte de safena, o que, com a idade, agravou sua saúde. Ele se foi, assim como papai; padre Eider (meu professor na Escola Paroquial Dom José Delgado, o nosso eterno "Colégio do Padre", e a quem ajudei muito a celebrar missa como "Coroinha"); e também o Oswaldo Gomes, que foi amigo de infância dos meus tios Mohana. Coisas da vida. Como eu sempre digo: grande é o amor paterno: maior é a vontade de Deus. Conformemo-nos.

Quanto ao Renascer Vianense, quando os recebo, leio-os e tiro xérox, pois fico com a xérox e faço doação do exemplar original para a Biblioteca da FARN (Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte), que tem em seu arquivo todos os números, além de manter uma estante com obras dos autores vianenses.

Abraços,
José Mendes Pinheiro Filho
(Pinheirinho)

SECMA APRESENTA PROJETO DE RESTAURAÇÃO DA CATEDRAL

LUIZ ALEXANDRE

Na tarde do dia 6 de abril último, a Secretária Adjunta de Estado da Cultura, Marlilde Mendonça, reuniu-se com o bispo da Diocese de Viana, D. Sebastião Duarte, o pároco da Matriz, padre Rosivaldo Moraes, e o presidente do Comitê de Defesa do Patrimônio Histórico de Viana, Geraldo Costa.

O encontro, realizado na sede da Secretaria de Estado da Cultura, em São Luís, teve como objetivo a apresentação do projeto de restauração da Igreja Matriz (atual catedral da Diocese de Viana) recentemente concluído pela equipe técnica do antigo Departamento do Patrimônio Histórico, atual Superintendência de Patrimônio Cultural (SPC).

Abrangendo a parte hidráulica e elétrica do templo, o projeto prevê a substituição do telhado de brasilit por telhas coloniais, retirada dos azulejos da fachada e dos elementos vazados das janelas, retorno da escada interna de



madeira (estilo "caracol") que dá acesso ao coro da igreja e tantos outros detalhes que recompõem a fisionomia original da igreja. O valor final da obra foi orçado em R\$527.466,61 (quinhentos e vinte e sete mil, quatrocentos e sessenta e seis reais e sessenta e um centavos).

Marlilde Mendonça esclareceu que embora a SECMA não disponha de recursos neces-

sários para financiar a obra, a conclusão de todo o projeto de restauração é um importante passo em direção a esse objetivo. A Secretária Adjunta da Cultura garantiu, entretanto, que empregará todos os meios ao seu alcance, tanto na esfera estadual como federal, a fim de conseguir o financiamento em menor espaço de tempo possível.

Felipe Thiago Gomes, um herói desconhecido

Lourival Serejo

A propósito da comemoração do cinquentenário da fundação do Ginásio Professor Antônio Lopes, torna-se pertinente lembrar a figura de Felipe Thiago Gomes, esse idealista que tanto serviu à educação brasileira e que, por coincidência, era tão Gomes quanto o homenageado desta edição, José Pereira Gomes.

Felipe Thiago Gomes foi o fundador da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC. Li a sua história no meu tempo de ginásio, quando, então, tomei conhecimento da sua luta como estudante para servir uma causa maior, a causa da educação brasileira, sempre tão carente e desafiadora.

Não cheguei a conhecê-lo pessoalmente, apesar de suas constantes visitas ao Maranhão, mas recordo-o como um herói e idealista que me serviu de modelo,

nos meus tempos de estudante.

A CNEC nasceu de um rompan-te estudantil, lá pelo ano de 1943, na cidade de Recife. Ao acabar a leitura de um livro do líder peruano Haya de La Torre, em que narrava sua experiência no combate ao analfabetismo naquele país, Felipe Thiago Gomes perguntou-se: Por que não criar uma experiência idêntica aqui, no Brasil?

A resposta a essa inquietação foi o surgimento da Campanha do Ginásio Pobre, que depois se chamou CNEG (Campanha Nacional de Educandários Gratuitos) e posteriormente CNEC. A última informação que tive, em 1992, assinalava que a Campanha já atendia 945 municípios brasileiros.

Devo à CNEC (no tempo em que era CNEG) meu curso ginásial, assim como milhares de pessoas de minha geração. Era muito difícil, naqueles idos, estudar em São Luís, principalmente para o estudante oriundo de família humilde. Um curso ginásial,

até pouco tempo, era uma raridade no interior do Estado. Então, veio a Campanha e socorreu milhares de jovens ansiosos para continuarem seus estudos. Talvez seja difícil para um jovem de hoje entender o verdadeiro alcance daquele empreendimento numa cidade isolada, sem estradas e sem comunicação como Viana, naquela época.

O fato da CNEC ter nascido de um impulso idealista torna-a mais respeitável ainda, pois serve de exemplo às gerações futuras, mostrando sua força, sua origem, seu alcance social. O Brasil muito deve à Campanha e todos nós devemos a Felipe Thiago Gomes essa semente de ideal que ele plantou e rebentou seus frutos por toda a parte.

Precisamos de outras Campanhas, outros ímpetos, outras iniciativas, sobre tudo com o alcance que teve a Campanha, para combater o analfabetismo e garantir a realização de ideais da juventude brasileira.

Acadêmica recebe título de doutora

A acadêmica Pollyanna Gouveia Mendonça defendeu tese de Doutorado em História, intitulada "Parochos imperfeitos: Justiça Eclesiástica e desvios do clero no Maranhão colonial". A defesa realizou-se no último dia 18 de abril, na Universidade Federal Fluminense, em Niterói (Rio de Janeiro).

Depois de arguida por uma banca de especialistas com reconhecimento nacional e internacional em temas de História Religiosa, a jovem doutora teve sua tese indicada para publicação, recebendo elogios pelo ineditismo das fontes analisadas e pelo variado acervo documental pesquisado no Brasil e no exterior.

Dando apoio e incentivo à colega congreira, os acadêmicos Heitor Piedade Júnior, José Antonio

Castro e Pedro Mendengo se fizeram presentes ao ato. Na platéia também estavam Iracema Gouveia Mendonça e Maria Cecília Fernandes Gouveia, respectivamente mãe e tia da mais nova doutora, além de alguns outros familiares que engrossaram a torcida e dali saíram orgulhosos por mais essa vitória alcançada por Pollyanna.

Participaram da banca examinadora os seguintes professores doutores: Ronaldo Vainfas (orientador da tese), José Pedro de Mattos Paiva da Universidade de Coimbra (co-orientador), Bruno Feitler, Georgina dos Santos e Daniela Buono Calainho.

A AVL saúda a sua acadêmica e faz votos que a trajetória de Pollyanna possa servir de exemplo à juventude vianense.



Pollyanna com os integrantes da banca examinadora e, abaixo, com os confrades da AVL



DIVULGAÇÃO

ASSOCIAÇÃO VIANENSE DA MELHOR IDADE

Criada há mais de dez anos e sem nenhuma ajuda oficial, a entidade tenta trabalhar pelo resgate da dignidade do idoso vianense

Maria da Graça Mendonça Cutrim

Por iniciativa do saudoso Padre Eider Furtado da Silva, ao sentir a necessidade de uma organização que valorizasse os idosos, inserindo-os no contexto social da cidade, é que surgiu a Associação Vianense da Melhor Idade (AVMI).

Após amplo debate entre os futuros associados, em assembleia geral realizada no dia 4 de julho de 1999, no Centro de Treinamento “Sagrado Coração de Jesus” (antiga Casa Paroquial), foi criada oficialmente a associação dos idosos, tendo sido eleito como seu primeiro presidente o mentor da ideia, padre Eider.

A AVMI é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, religiosos ou políticos-partidários, composta de ilimitado número de sócios, sem distinção de raça, sexo ou credo religioso. Um de seus principais objetivos é trabalhar pelo bem-estar do idoso, assim como reivindicar seus direitos em todos os sentidos.

A promoção de atividades assistenciais de cunho social, educacional e cultural também faz parte dos objetivos da associação que atualmente conta com cerca de 70 participantes, os quais reúnem-se sempre nas tardes do último domingo de cada mês. Sem qualquer ajuda exterior, cada associado contribui com uma taxa mensal simbólica no valor de dois reais.

Sensibilizada com a questão, a vianense Graça Sousa, radicada há muitos anos em Brasília, prestou assistência e apoio à associação, durante as várias vezes em que esteve de visita à cidade. Além do apoio moral, Graça ministrou palestras e liderou rifas no intuito de conseguir ajuda financeira para o grupo.

Para o atual presidente da AVMI, Sr. José Soeiro, a associação possui uma agenda bastante dinâmica, apesar das dificuldades. Viagens de excursão, oficinas e cursos, entre os quais se destacam o de pintura, panificação e confeitaria do SENAC (conseguidos por intermédio de seu filho, Germano Soeiro), caminhadas pelas ruas da cidade em prol de campanhas educativas ou de saúde, e tantas outras atividades aju-



Grupo da AVMI antes do embarque para uma excursão (ao fundo, de boina e óculos escuros, padre Eider Silva)



Em Alcântara, visitando as ruínas da cidade histórica



Em Monção, o grupo relaxa cantando na praça da cidade

dam a preservar a autoestima do idoso, fazendo-o sentir-se como indivíduo ainda ativo na sociedade.

Sonhos e emoções – A principal reivindicação dos associados, no momento, é pela conquista de uma sede própria, onde possam se reunir, guardar os seus pertences,

promover festas de aniversários e confraternizações em geral. Um outro sonho seria dispor de um fisioterapeuta que pudesse dar assistência aos associados. Algo que poderia ser visto com carinho pelas autoridades locais, afinal todas essas pessoas trabalharam e ajudaram a construir Viana. Nada mais

justo, portanto, que o poder municipal reconheça e retribua essa ajuda, contribuindo dessa maneira para o resgate da dignidade desta parcela da população que já ultrapassou os 60 anos.

Enquanto a ajuda não chega, esses homens e mulheres tentam levar uma vida ativa sem nunca abdicarem de seus sonhos e emoções, pois como diz o sociólogo Guedes Pinto: “Duas coisas nunca podem faltar ao homem, sonho e emoção. É preciso sonhar e ter emoção para realizar o sonho e não sonhar tão-somente.”

ASSINATURA ANUAL DO RENASCER

Para se tornar assinante deste periódico, basta depositar o valor de R\$ 40,00 (quarenta reais) na conta corrente da AVL, no Banco do Brasil.

Nº da conta: 13.365 – 5
Nº da agência: 2972 – 6

Depois envie uma mensagem para luiz.raposo@uol.com.br comunicando a data do depósito, o nome e o endereço completos do depositante (sem esquecer o Cep).

Dessa maneira, seu exemplar será enviado, trimestralmente, via correio.

Aos já assinantes que desejem **renovar a assinatura**, o processo é o mesmo. Não esqueça, porém, de passar a mensagem comunicando a data do depósito.

No ato da renovação, não é necessário comunicar o endereço do depositante (a não ser que tenha havido alguma mudança).

O RENASCER VIANENSE



Diretor/Redator: Luiz Alexandre Raposo
(Reg. 0000821-MA)

e-mail: luiz.raposo@uol.com.br

Endereço: Rua Antônio Lopes, 459,
Viana - MA CEP: 65.215-000

JUBILEU DE OURO DO CENTRO EDUCACIONAL (Antigo GINÁSIO PROFESSOR ANTÔNIO LOPES)

Tributo a um Visionário

Têca Raposo Greathouse

Aproximava-se o final de 1959. E nesse ano, em Viana, éramos parte de um grupo de crianças prestes a concluir o ensino fundamental, ou o "Primário", como definia o sistema educacional do Brasil na época. Dentre nós, poucos tinham a remota possibilidade de continuar os estudos em São Luis, acolhidos pela benevolência de familiares que lá residiam. Para a maioria, entretanto, concluir o ensino fundamental era a obtenção do único grau acadêmico que as circunstâncias da vida em Viana e a falta de recursos das famílias vianenses podiam lhe oferecer. Minha irmã Conceição (a Sanção de Enedina, como era conhecida) e eu fizemos parte do grupo que concluiu o ensino fundamental naquele ano. Com três irmãos mais velhos já cursando o "ginásio" em São Luis, nossos pais viam com preocupação a dificuldade que teriam para nos oferecer a mesma oportunidade e já haviam até considerado a possibilidade de que eu, por ser mais velha, fosse primeiro, enquanto Conceição só iria no ano seguinte.



Quadro da 1ª turma de concludentes (1964)

Luz no horizonte – Não tinha idade para entender e já não me lembro dos detalhes, sei apenas que no início de 1960, num final de tarde qualquer, nossa mãe Enedina retornou para casa com um brilho especial nos olhos e uma grande alegria estampada no rosto. Radiante declarou diante do meu pai e para nós: *Se Deus quiser, vocês vão fazer o ginásio em Viana! Dr. Zé Gomes está trabalhando para conseguir trazer pra cá um curso ginásial, através de um programa chamado Campanha Nacional de Educandários Gratuitos. E concluiu dizendo: E vai conseguireu vou ajudar!*

A partir daí uma verdadeira legião de colaboradores se juntou a Dr. Zé Gomes para cuidar das etapas seguintes, repletas de reuniões para negociações, organização do quadro de professores, identificação de espaço físico disponível para instalação do curso e organização do programa preparatório para o exame de admissão, ao qual todos os potenciais alunos do curso teriam que se submeter para comprovar sua capacidade na área de matemática, geografia, história, português e...LATIM! Isso mesmo, latim, matéria que nos era ministrada pelo Monsenhor Eider e testada com provas escrita e oral! Assim foi que, graças a um grande esforço coletivo da comunidade e principalmente à visão e compromisso do sábio e

visionário cidadão vianense, Dr. José Pereira Gomes, um grande sonho de muitas famílias vianenses da época se concretizou com a fundação do Ginásio Professor Antônio Lopes no início do ano letivo de 1961.

Semente do bem – Tenho orgulho de ter concluído meu curso ginásial e de ter feito parte da primeira turma de estudantes do Ginásio Professor Antônio Lopes. A formação acadêmica que recebemos e principalmente a semente do bem que foi plantada em nossos corações nessa fase tão importante da nossa vida foram fundamentais para o nosso desenvolvimento como cidadãos, comprometidos com a paz, com a justiça e com o progresso da humanidade.

Há dentre nós, que fizemos parte dessa primeira turma de alunos, doutores, professores universitários, pedagogos, advogados e engenheiros. Éramos apenas 16 alunos que concluíram o curso. Entretanto, com a formação que recebemos das nossas famílias e da comunidade vianense, aliada aos ensinamentos curriculares e aos exemplos dos nossos inesquecíveis educadores e mentores do referido Ginásio, nos tornamos pessoas capazes de multiplicar nossas experiências de vida, promovendo a construção de um mundo melhor para todos os que nos cercam.

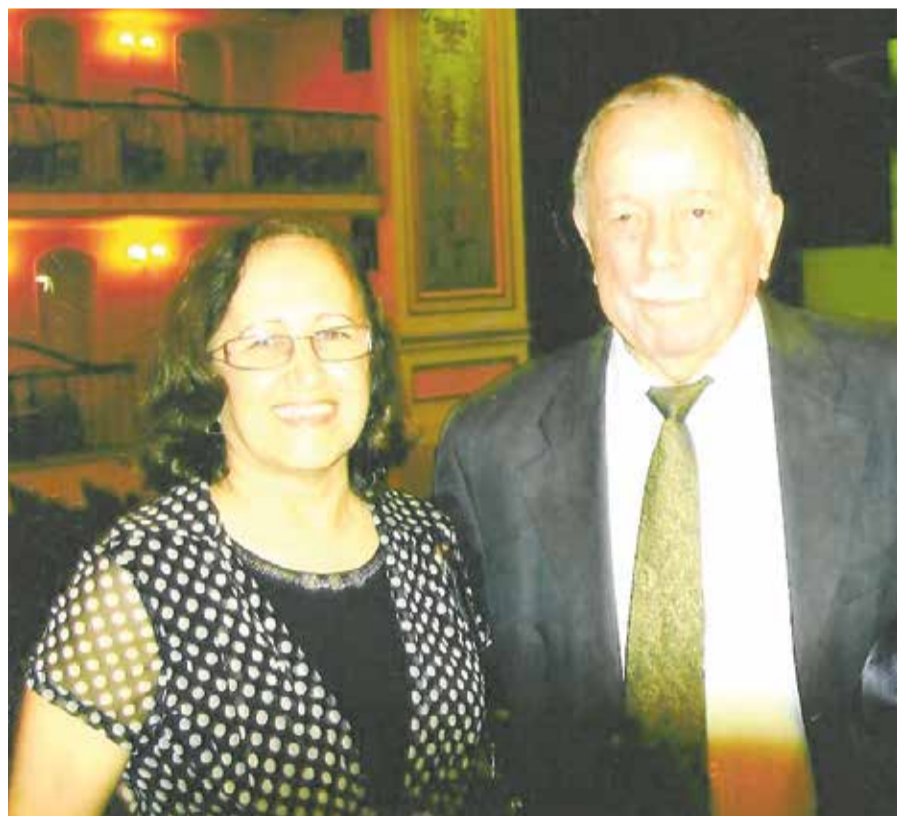
Beneficiários de uma sabedoria – Há 50 anos, sem a sabedoria que a maturidade nos presenteia, não tinha condições de avaliar a diferença que uma grande visão pode fazer na vida de tantas pessoas. Num retrospecto, ainda me vejo adolescente, usufruindo da sabedoria, do companheirismo e da amizade dos colegas de turma como os saudosos Josefina Cordeiro, Edson Silva, Olegário Mariano e Maria Tereza Coêlho que já não estão entre nós, mas que em vida testemunharam os valores, a ética e o compromisso social cultivados entre nós pelos abnegados professores da época. Como imaginar o resultado de uma ação que aos nossos olhos infantis parecia tão simples, mas que se tornaria eterna pelas marcas positivas que deixaria em nossos corações e mentes?

Nesta oportunidade, ao celebrarmos os 50 anos de fundação do Ginásio Professor Antônio Lopes, atual Centro Educacional Dr. José Pereira Gomes, expresso aqui nosso grato e sincero reconhecimento a todos aqueles que fizeram e fazem parte da história desta Instituição e especialmente ao seu fundador, pela grandeza de sua visão e sábia iniciativa, cinco décadas atrás.

LUIZ ALEXANDRE



Nos últimos 50 anos, milhares de jovens passaram pelas sa



Dr. José Pereira Gomes ladeado por duas ex-alunas: Maria de Jesus

BREVE HISTÓRICO DO CENTRO EDUCACIONAL

Fundado em 31 de março de 1961 com o nome de Ginásio Professor Antônio Lopes, sob a bandeira da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (CNEG), posteriormente denominada de Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC).

Em 1980, o antigo ginásio alcança a progressão de Centro Educacional Cenecista Professor Antônio Lopes, ainda sob a responsabilidade da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade.

Em 2005, com o encerramento das atividades da CNEC no Maranhão, foi criada então a Associação Comunitária Educacional Vianense, a fim de evitar-se o fechamento do estabelecimento de ensino.

Em 5 de junho de 2010, a escola passa a ser denominada Centro Educacional Dr. José Pereira Gomes (Resolução nº233 de 19/11/2009 do Conselho Estadual de Educação do Maranhão) em homenagem a seu idealizador e fundador.

SECCIONAL DR. JOSÉ PEREIRA GOMES (PRINCIPAL COLABORADORA DA ESCOLA)



Salas de aula deste prédio



Bezerra e Maria da Graça Cutrim

DR. JOSÉ PEREIRA GOMES

DIRETORES DA INSTITUIÇÃO:

- José Pereira Gomes
- José Antônio Cardoso
- Edith Nair Furtado da Silva
- José Ribamar Mendonça
- Lucimar Gonçalves Moraes
- Dinalva Silva Guimarães
- Josefina Cordeiro Cutrim
- Maria Izaura Santos Lopes (atual diretora)

JOAQUIM GOMES



O fundador e D. Maria Gomes Costa, prima e principal colaboradora da escola

DIVULGAÇÃO



Professora Izaura Lopes, diretora do Centro Educacional desde 1993

PRESENÇA LUMINOSA

Maria de Jesus Bezerra Meireles

Cinquenta anos depois... falar de uma etapa da vida cheia de buscas, de descobertas, de alegrias que até então era uma utopia, faz-me lembrar do grande Mário Quintana em sua obra "O Espelho Mágico", especialmente da quadra "Das Utopias", quando ele diz: *Se as coisas são inatingíveis... ora! Não é motivo para não querê-las.../Que tristes os caminhos, se não fora/A mágica presença das estrelas!*

Em 1959, imaginar um curso ginásial em nossa querida Viana era um sonho, uma utopia, que minha mãe Celina, com sua personalidade positiva e de muita fé, afirmava: quando meus filhos concluírem o primário, Viana terá um Ginásio. Foi exatamente após a conclusão do meu curso primário que surgiu "a mágica presença da estrela do Dr. José Pereira Gomes para iluminar os caminhos de todos nós (jovens vianenses, penalvenses, matinhenses, cajarienses etc.), que precisávamos continuar o processo de aquisição de conhecimentos para nosso crescimento intelectual, cultural, moral, enfim para capacitar-nos como cidadãos conscientes e responsáveis na construção de um mundo melhor.

Assim, no ano seguinte, iniciamos a preparação para o Exame de Admissão ao Ginásio, tendo como professor de Português o próprio Dr. José Pereira Gomes. Nesse ano a língua portuguesa passava por mudanças, implantava-se uma nova nomenclatura gramatical e ele costumava testar meus conhecimentos sobre a questão, parecendo divertir-se com minha "decoreba". Eu, no entanto, me sentia muito bem, pois entendia que a "lição estava dada".

Reviver esse período é muito agradável, sobretudo lembrar os amigos e amigas da primeira turma, dos professores Lourdinha Cardoso, Severiano Mendonça e Monsenhor Eider (que já não estão entre nós) ou do Dr. Dutra, professor Raitis, Denise Caron, Gertrudes Pax e tantos outros que contribuíram com essa grande empreitada.

A demora na realização dos exames, que dependia das formalidades da Seccional do MEC, levou muitos alunos a desistirem, mas que retornariam depois para formar as turmas posteriores. Finalmente, em 31 de março de 1961, iniciamos o curso. Éramos 19 no 1º ano, algumas ficaram para a segunda turma, mas continuaram sendo amigas e companheiras, entre elas Algesira Muniz (Dodó) e Maria Teresa Coelho (in memória). Finalmente, em 1964, chegamos ao final do

curso ginásial com apenas 16 concludentes: Altina Cidreira, Domingos Andrade Frazão (Caboquinho), Edson Barros de Matos, Edson Mendes da Silva, José Maria Azevedo, Josefina Nunes Cordeiro (a madrinha de fogueira da turma toda), Maria da Conceição Brenha Raposo (Sanção), Maria da Graça Sousa, Maria de Jesus Azevedo Bezerra, Maria Ribamar Ericeira, Maria Teresa Brenha Raposo (Têca), Marly de Sousa Belo, Olegário Mariano Martins Neto, Ovídia Silva Araújo, Raimunda Cutrim Penha (Doquinha) e Sofia de Jesus Meireles.

Quis citar nominalmente cada um, porque sei que todos gostariam de estar presentes na comemoração deste jubileu, para juntos expressarmos nossa eterna gratidão ao Dr. José Pereira Gomes que, no início de nossas vidas, soube transformar-se em estrela para iluminar

LUIZ ALEXANDRE



31/03/2001 - 40º aniversário de fundação da instituição: Dr. José P. Gomes hasteia a bandeira do Brasil entre as ex-alunas Conceição Raposo e Fátima Travassos

A agonia do Maracu

(*) Nonato Reis

O rio Maracu, no município de Viana, é um dos muitos cursos de água doce do Maranhão marcados para desaparecerem do mapa aquático. Poucos rios, no entanto, têm sido tão fustigados pela ação criminosa do poder público quanto o Maracu. Há décadas seu leito começou a ser assoreado com a construção de passagens de terra, e as árvores que protegiam suas margens foram sendo dizimadas, numa escalada progressiva, inexorável. Isso ainda num tempo em que preservação ambiental era um termo dissonante na pauta dos governos e da sociedade civil.

Os anos se passaram, criaram-se leis específicas para a utilização dos recursos naturais; assinaram-se convenções para disciplinar a ação do poder público sobre o patrimônio natural; estabeleceu-se o consenso de que as políticas de desenvolvimento não podem desvincular-se da preocupação com o verde. Todo esse cipoal de boas intenções, no entanto, ficou restrito aos manuais e códigos de conduta.

O rio Maracu é uma espécie de fio condutor dos estoques de água doce de Viana. Ele se estende como uma ponte fluvial entre os lagos do Aquiri, na divisa com o município de Matinha, e de



LUIZ ALEXANDRE

Viana, na fronteira com Penalva e Cajari. Decretar sua morte é assinar o atestado de óbito do ecossistema de uma vasta região da Baixada, que se mantém graças a um delicado equilíbrio de enchente e vazante. E, em última instância, é selar o destino de populações ribeirinhas, já tão massacradas pela ausência de políticas públicas.

Em que pese essa profecia sombria, o poder público segue massacrando os estoques de água doce de Viana sem dó nem piedade. Em 2001 o então prefeito Messias Neto (hoje falecido) entulhou o Lago de Viana a partir

do Outeiro do Moco-roca até o Sacoã, numa extensão de mais de 1.000 metros. O argumento foi que era preciso evitar a invasão de água salgada, mas tudo o que conseguiu foi assorear ainda mais o leito do lago.

Anos antes, quando da construção de uma ponte de concreto sobre o Maracu, a construtora responsável pela obra aterrou o rio, na altura do povoado de Ibacazinho, de uma margem à outra, para facilitar o trânsito de suas máquinas. O prefeito de então, Daniel Gomes, pegou carona na irregularidade e todos os anos, durante o fenômeno conhecido

por 'abaixamento' (quando as águas das cheias começam a vaziar) mandava refazer o aterro, sob a alegação de que precisava garantir o abastecimento de água potável da cidade.

Atualmente seu leito de mais de sete quilômetros é entrecortado por três barragens de terra. Uma situa-se a dois quilômetros da sede de Viana; outra no Ibacazinho; e uma terceira no lugar chamado Colheireiras, já próximo à sua desembocadura no lago do Aquiri. Não satisfeito, o prefeito Rilva Luiz mandou construir uma nova passagem de terra, desta feita margeando o rio, no povoado de Ibacazinho. Feita sem orientação técnica, a obra joga uma pá de cal sobre a agonia do Maracu.

O mais curioso é que, apesar de todo o aparato de órgãos e leis, o crime perpetrado no principal rio de Viana jamais sensibilizou as autoridades. Uma espessa cortina de silêncio paira sobre aqueles a quem compete fiscalizar, denunciar e promover a recuperação do patrimônio ambiental. Assim, sob o manto escandaloso da omissão, um belíssimo curso natural de água, que ajudou a formar gerações, dá os últimos suspiros. A natureza não nos perdoará tamanha estupidez.

(*)Vianense e Jornalista Profissional
nonnatoresis@hotmail.com

D. Edith, a melhor guia do mundo

Joaquim de Oliveira Gomes

Fui ao Chile e não pude deixar de me lembrar da professora Edith Nair Silva (*) e das suas saudosas aulas de geografia. Era naquele ambiente escolar que vivíamos as aventuras de uma grande viagem geográfica, histórica e social. Um estudo interdisciplinar, que proporcionava aos alunos um cabedal de informações.

Assim como Monteiro Lobato construiu um ambiente prazeroso no Sítio do Picapau-Amarelo, trazendo como grande mestra D. Benta, seguida pelos seus discípulos, as crianças do Sítio, também D. Edith levava-nos a experimentar de forma simples e majestosa o conhecimento. Dizia, toda cheia de entusiasmo: "Hoje é o nosso primeiro dia de aula. Vamos fazer uma grande viagem. Vamos sair, daqui de Viana,

para onde vocês quiserem. Por onde devemos começar? Pelo ar, pela terra, pelas águas?"

Era dessa forma que pisávamos os mais distantes e distintos rincões da terra. E éramos contagiados imediatamente pela cultura dessas localidades, porque a grande mestra se deixava embriagar com todas as características que cada cantinho do globo terrestre oferecia. Não importava onde estivéssemos, fosse nas montanhas, nos picos mais altos, ou na planície, tudo era vasculhado minuciosamente, produzindo sabores e cheiros, um grande caldeirão efervescente de variadas histórias.

Já faz muito tempo que vivi tudo isso nos bancos escolares do Ginásio Bandeirantes, mas, ainda hoje, guardo com muita nitidez essas aulas. E não deixo de me admirar, ao assistir esses programas televisivos sobre História e culturas de povos

distantes, em que a tecnologia faz grandes descobertas, pois ela sabia tudo isso, sem nunca ter saído de Viana. O globo terrestre era como se fosse a palma de sua mão. Dominava cada linha, cada rio, com as suas nascentes e afluentes, cachoeiras, planaltos, fauna e flora, os povos, com suas tradições, a língua e a moeda de cada povo.

Em recente viagem realizada ao Chile, em companhia de Lourival Serejo, meu cunhado, minha irmã Ana Maria e sua filha Jacqueline Serejo, de dentro do avião descortinei a Cordilheira dos Andes e, em terra, conheci as águas do Pacífico, os leões-marinhos, a fúria do último terremoto estampada nos prédios em ruínas e abandonados, a neve que cobre a paisagem chilena e senti uma sensação maravilhosa por já ter sido apresentado a tudo isso. O guia turístico só teve o trabalho de tocar em velhas coisas já esquecidas em

minha memória. Como um dia, a nossa querida Edith, já cansada de tantas viagens, tocava levemente no globo terrestre e pedia para o aluno mais próximo dizer o nome que ali estava, porque a memória e a vista já não a ajudavam mais. E como num toque de mágica, ela saía feliz descortinando o conhecido mundo com toda a sua história.

"Estamos no Deserto do Atacama e, agora, para onde vamos? Querem conhecer outros desertos?...". Foi o que ficou tão nítido daquelas aulas como ainda hoje está a paisagem do Chile, recém-visitado.

(*) Edith Nair Furtado da Silva é patrona da Cadeira nº 2 da AVL. Professora normalista, celebrou-se ao lecionar Geografia para várias gerações de vianenses. Foi diretora da extinta Escola Paroquial D. José Delgado e mais tarde do Ginásio Professor Antônio Lopes (atual Centro Educacional Dr. José Pereira Gomes).

Filhos do ex-prefeito de Viana, Esiquiel de Oliveira Gomes e de Maria José Pereira (Zezé Gomes), Seu Dico e Carrinho, como ficariam mais conhecidos, faleceram em São Luís com diferença de menos de um mês entre um óbito e outro:

Raimundo Pereira Gomes

★28/11/1929 †26/03/2011.

Seu Dico faleceu aos 81 anos. Era funcionário público federal. Foi Superintendente do INAMPS. Deixou viúva a senhora Lenir Abreu Gomes, 3 filhos e 6 netos.

Carlos Pereira Gomes

★15/10/1940 †17/04/2011

Carrinho faleceu aos 70 anos. Comerciante e criador, era casado com Iracy Martins Gomes. Deixou 2 filhas e 1 neto. Carrinho era proprietário de uma fazenda em Viana, onde frequentemente vinha a passeio com a família.

Radicados em São Luís há muitos anos, os dois irmãos gozavam de grande simpatia entre a colônia vianense, além dos inúmeros amigos conquistados na capital.



REPRODUÇÃO/FAMÍLIA

JOSÉ CARLOS COSTA

UM ENTUSIASTA DOS ESPORTES^(*)

O filho mais velho do casal Zezico e Teresinha Costa é um desses vianenses que nasceu para deixar seu nome marcado na recente história da cidade que lhe serviu de berço. Ao contrário de seus irmãos que optaram por profissões mais valorizadas no mercado de trabalho, José Carlos Costa trilhou por um caminho próprio e não menos digno de reconhecimento.

As vésperas de completar 60 anos, pai de três filhos e avô de três netos, Zé Carlos (como é conhecido desde a infância) tornou-se técnico em contabilidade pelo antigo Centro Caixeiral de São Luís, no início da década de 70. Ainda muito jovem, aos 21 anos, contraiu matrimônio com a conterrânea Maria do Socorro Aragão, então uma das moças mais bonitas de Viana.

Trabalhando em seu próprio escritório, ao mesmo tempo em que prestava serviços contábeis aos comerciantes locais, Zé Carlos também atuava como professor de *Técnicas Comerciais e Contabilidade Geral* no extinto Ginásio Bandeirante e na Escola Normal N. S. da Conceição. Aficionado ao futebol desde menino, paralelamente ao trabalho, o jovem contador chegou a jogar pela seleção vianense nos idos de 1973/75. Também atuou como atleta do chamado futsal, modalidade esta em que igualmente vestiu a camisa do selecionado local.

Carreira pública – No final dos anos 70, Zé Carlos tornou-se um dos líderes na organização e fundação da unidade vianense do *Lions Clube*, entidade que incentivava maior integração do indivíduo à sociedade, através da prestação de serviços humanitários.

Em 1982, depois de ter presidido o Grêmio Cultural Recreativo Vianense, quando procurou erradicar definitivamente o preconceito racial até então reinante entre os associados, Zé Carlos decidiu ingressar na política partidária, disputando uma vaga na Câmara de Vereadores. Foi o vereador mais votado daquele pleito, assumindo assim a presidência da casa legislativa e conseguindo ser reeleito nas eleições seguintes para mais um mandato.



Com o apoio de Zé Carlos, o Esporte Clube Viana fez história no futebol maranhense

Nesse período, o jovem parlamentar participou de vários congressos organizados pela União Nacional de Vereadores do Brasil e foi autor do projeto de criação da Escola de Música Municipal, iniciativa que almeja a continuidade da mais tradicional vocação da cidade, ou seja, a formação contínua de novos profissionais da música.

Em seu currículo constam também funções administrativas exercidas como a de Secretário de Educação na administração Walber Duailibe, Secretário de Finanças na administração Djalma Campos, Contador na administração Batista Luzardo, e coordenador na primeira administração de seu irmão Messias Costa.

Paixão pelo futebol – Ciente do valor do esporte como forma de educação e promoção humana, Zé Carlos procurou aliar a velha paixão e a experiência adquirida no futebol a um trabalho de cunho social, especialmente voltado à infância e adolescência. Além de criar e patrocinar uma escolinha de futebol, na qual dezenas de garotos têm oportunidade de praticar e aperfeiçoar seu esporte predileto, Zé Carlos é o autor intelectual do Torneio Interpovoados, disputado anualmente em Viana há mais de 15 anos, e que hoje contribui para a integração social de centenas de jovens da região.

De todo esse trabalho, outro resultado positivo foi o campeonato conquistado, em 2002, pela equipe Sub-20 no torneio organizado pela Federação Maranhense de Futebol. Com esse feito, Viana se tornou a primeira cidade do interior a conquistar



O incentivo ao futebol vem desde as categorias de base

o título.

Contudo, foi no futebol profissional que Zé Carlos Costa alcançou maior destaque ao participar efetivamente da organização e fundação do Esporte Clube Viana. Como presidente desta agremiação esportiva conseguiu elevar o nome do futebol vianense a um patamar jamais alcançado em toda a história futebolística da cidade. O Esporte Clube Viana, sob sua direção, participou brilhantemente de competições estaduais, durante quase 10 anos, recebendo merecidos elogios da mídia esportiva da capital.

O destaque foi tamanho que, em 1998, o Esporte Clube Viana foi um dos clubes maranhenses a disputar o Campeonato Brasileiro da 3ª divisão, para delírio e orgulho dos milhares de vianenses adeptos do futebol.

Mas Zé Carlos Costa não pensa em parar por aí. Ativo e empreendedor, ele ainda tem muitos planos para o futuro. Mesmo prestes a ingressar na chamada 3ª idade, disposição e vontade de trabalhar não lhe faltam, principalmente quando novos desafios se afiguram à sua frente.

(*) Matéria publicada por solicitação do patrocinador desta edição do jornal, Sr. Heitor Pereira (CBM)

NOTA DA AVL

A Academia Vianense de Letras, enquanto agremiação cultural, não assume nenhuma postura política partidária, conforme reza os seus estatutos. Sendo assim, os artigos e notícias publicados pelo Renascer Vianense buscam apenas divulgar aspectos da história e da cultura locais.

Entretanto, como história e cultura são resultados da vontade e da ação humanas, logicamente envolvem o trabalho de cidadãos que podem ou não estarem ligados à política partidária.



Zé Carlos e Socorro com Dilú Mello, quando da visita da artista a Viana, em 1998



RUY FRAZÃO SOARES

Um dos mais famosos nomes da lista oficial de desaparecidos da ditadura militar trabalhou em Viana como Exator Federal

Luiz Alexandre Raposo

Corria o ano de 1966 e a chegada daquele rapaz não deixaria de chamar a atenção das pessoas em Viana. Primeiro porque, naqueles idos, ainda era coisa rara a presença de forasteiros na pequena cidade e, segundo, pela própria figura incomum do recém-chegado. Muito alto para os padrões da época, o jovem forasteiro rivalizava com Catu e Dulcídio Carvalho, até então considerados os indivíduos mais altos entre a população local.

Mas não era somente pela estatura que o novo Exator Federal (espécie de coletor de impostos) despertaria curiosidade entre os vianenses. Aos 25 anos, Ruy Soares Frazão era um jovem bonito de pele clara e cabelos escuros. Tímido e discreto ao extremo, relacionou-se com pouquíssimas pessoas em Viana. Além do padre Eider Silva e da então estudante, Conceição Raposo, mantinha contato também com Lúcia, uma bonita missionária estrangeira que trabalhou por alguns anos nesta cidade.

Ruy havia abandonado a faculdade em Recife por causa da perseguição política e certamente por isso tentava se manter o mais discreto possível na cidade para onde fora designado trabalhar. Afinal, vivia-se um momento histórico delicado e confuso, depois que os militares assumiram o poder no país com o golpe de 1964.

A ditadura ostensiva começava a mostrar suas garras e, embora na pacata Viana as coisas parecessem não ter afetado a rotina da comunidade local, os ecos da tal “revolução” não deixariam de influenciar de maneira negativa os menos avisados.

Rádios e jornais da capital – principais canais de comunicação da época – alardeavam que “os militares haviam livrado o Brasil do grande mal do comunismo”. Desse modo, qualquer um que interpretasse a nova realidade de forma diferente ou se portasse de maneira “estranha” era logo tachado de subversivo ou comunista, portanto, um indivíduo perigoso e nocivo à sociedade. Ciente do perigo iminente, o ex-estudante de Engenharia Civil esforçava-se em levar uma vida normal em sua nova experiência de trabalho.

Hóspede do casal José Marques de Sousa (Zé Pedreiro) e Araci Mendonça de Sousa, então donos de uma hospedaria na Cônego Hemetério, Ruy quis ter um quarto só para ele, o que logo foi providenciado e construído pelo próprio Zé Pedreiro nos fundos da casa.

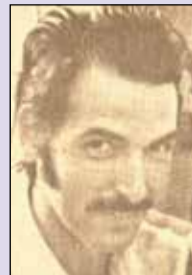
A permanência no cargo de exator, entretanto, durou menos de um ano. E assim como chegara, repentinamente Ruy partiu de Viana sem deixar rastro. Muito tempo depois, iria saber que por essa época ele já mantinha contato permanente com a população rural, através do Movimento de Educação de Base (MEB), ligado à Igreja Católica.

Sonhador e idealista como quase todo jovem engajado daqueles tempos sombrios, Ruy havia participado da Juventude Universitária Católica (JUC) e tivera acesso às teorias de pensadores humanistas como Teillard Chardin. Por isso ansiava por uma nação brasileira, na qual as pessoas pudessem ter direitos iguais, pleno acesso à educação e melhor qualidade de vida.

Seus sonhos, infelizmente, o condenariam à morte prematura. Em 1974, aos 33 anos, Ruy foi preso e sequestrado pela Polícia Federal, quando residia em Juazeiro da Bahia. Até hoje os familiares desconhecem o paradeiro de seus restos mortais, como também nunca souberam os nomes de seus assassinos, pois ao contrário de outros países que passaram pelo mesmo processo repressivo militar, o Brasil é um dos únicos que insiste em esconder a sujeira embaixo do tapete.

Aos seus anônimos e covardes algozes restam a repugnância e o desprezo de uma sociedade que hoje luta cada vez mais pelo respeito aos direitos humanos. Ao passo que a Ruy Frazão Soares, embora nada possa compensar uma vida ceifada em plena juventude, resta o consolo do reconhecimento público à sua memória, pois desde a abertura política ocorrida no país que seu nome vem sendo lembrado para nomear escolas, ruas, praças e avenidas de várias cidades brasileiras.

BIOGRAFIA



Filho de Mário da Silva Soares e Alice Frazão Soares, Ruy nasceu em São Luís, no dia 4/10/1941. Bebê ainda foi levado pela família para o Rio de Janeiro. Aos cinco anos, com a morte do pai, voltou à terra natal com sua mãe e irmãos.

Estudou no Colégio de Aplicação Gilberto Costa e no Liceu Maranhense. Ainda estudante secundarista, organizou uma banda que percorreu o interior do Maranhão. Colaborou em jornais de São Luís, publicando artigos sobre a situação dos professores estaduais.

Em 1961, aos 20 anos, iniciou o curso de Engenharia na Universidade Federal de Pernambuco, ingressando então na Juventude Universitária Católica. Quando foi determinada a mudança da Faculdade de Engenharia para o Engenho do Meio, local de difícil acesso e sem estrutura adequada, em abril de 1964, Ruy Frazão era um dos líderes do movimento de resistência dos alunos, sendo preso e experimentando pela primeira vez a violência da tortura.

Libertado e ainda com a cabeça raspada, Ruy viajou para Boston, nos Estados Unidos, onde participou de um seminário sobre Economia do Desenvolvimento, como bolsista na Universidade de Harvard, expondo um trabalho que recebeu menção honrosa. Passando por Nova York em julho de 1965, denunciou na Assembléia das Nações Unidas as torturas que começavam a ser praticadas no Brasil.

Voltando ao Brasil, sentiu que seria impossível concluir o curso de Engenharia, embora já estivesse no 5º ano, e decidiu retornar ao Maranhão para assumir o cargo de Exator Federal, que tinha conseguido mediante concurso, sendo então nomeado para Viana.

Em novembro de 1966, tomou conhecimento que tinha sido condenado a 2 anos de reclusão pela Justiça Militar, em Recife, devido à referida resistência estudantil em 1964/1965. A partir de 1967, quando já tinha se tornado militante da AP, teve papel destacado na orientação política junto ao movimento dos trabalhadores do rio Pindaré, luta que foi se ampliando até gerar um grave conflito armado, em julho de 1968, quando Manoel Conceição, principal líder entre os camponeses, foi baleado e detido, tendo de amputar uma perna por falta de atendimento médico na prisão.

Frazão casou-se com Felícia Moraes em 1968, com quem teve o filho Henrique, nascido em 1972. Com a repressão generalizada que se abateu sobre o trabalho camponês desenvolvido pela AP no interior do Maranhão, Ruy teve de passar à vida clandestina. Na disputa interna vivida por essa organização, entre 1971 e 1972, Ruy ingressou no Pcdob e mudou-se para Juazeiro (Bahia).

Na manhã do dia 27/05/1974, Ruy foi preso na feira de Petrolina por policiais armados que o agrediram, ameaçaram de morte, algemaram e o jogaram no porta-malas de uma viatura preta da Polícia Federal. Ele só conseguiu gritar para uma colega feirante: Avisa Licinha!

de Moraes Soares, sua esposa, escreveu à Folha de S. Paulo, ao Jornal do Brasil e outros jornais, embora consciente do perigo que corria com essa atitude. Sua mãe, Dona Alice, escreveu também ao ministro da Justiça Armando Falcão, que havia sido colega de trabalho do pai de Ruy. Ela também viajou para Recife e lá procurou os altos comandos militares, encontrando sempre a mesma negativa: ninguém sabia de seu filho.

O encaminhamento jurídico do caso também esbarrou na justificativa de sempre: Ruy não se encontrava em nenhuma dependência policial-militar. Quando foi preso o militante Alanir Cardoso, em setembro de 1974, em Pernambuco, os agentes lhe apresentaram uma foto de Ruy, que havia sido feita no cárcere, e afirmaram: “o comprido já virou presunto.”

Felícia e Henrique moveram uma ação judicial responsabilizando a União pelo desaparecimento de Ruy. Esta ação foi vencedora, em 26/03/1991, quando a sentença do juiz Roberto Wanderley Nogueira, da 1ª Vara da Justiça Federal de Pernambuco, responsabilizou a União pela prisão, morte e ocultação do cadáver de Ruy Frazão Soares, sendo a decisão confirmada em outubro de 2002 e a União condenada a pagar uma indenização superior a 6,5 milhões de reais. Seus restos mortais, no entanto nunca foram entregues à sua família. Seu nome integra a lista de desaparecidos políticos anexa à Lei nº 9.140/95.

LUIZ ALEXANDRE



Casa azulejada da Rua Cônego Hemetério onde Ruy se hospedou em Viana

GRAÇA CUTRIM



Dono da antiga hospedaria, o Sr. Zé Pedreiro (85 anos) lembra com detalhes do jovem exator

MARLI DA SILVA



Barra da Tijuca, Rio de Janeiro: Avenida Ruy Frazão Soares

REPRODUÇÃO



Bairro da Cohab, São Luís: placa assinala praça com o nome do militante político